

Drama da Gaivota em dois atos

O dia em que a Gaivota sobreviveu à violência e alçou vôo com outras muitas Gaivotas

Rosane Rodrigues

Relato de direção de Psicodrama Público no Centro Cultural São Paulo¹

Direção: Rosane Rodrigues

Data: 02 de Agosto 2008

Ator convidado: Eduardo Coutinho

Ego-auxiliar: Fernando De Vincenzo

O que precede o vôo (a intervenção):

Esta é a direção que antecede nossa festa de 5 anos (de Psicodramas Públicos no Centro Cultural São Paulo). Estou um pouco nervosa, pois embora este projeto seja uma direção com começo meio e fim, ou seja, um ato, claro que uma direção interfere nas outras por conta dos participantes assíduos. Convidei um mímico², para fazer uma interferência artística. Costumo dirigir neste projeto o método do Teatro de Reprise junto com as minhas gaivotas, ou seja, meu grupo, e não sozinha como estou hoje. Enfim... uma certa tensão me faz não conseguir sorrir ou conversar enquanto sigo no carro para o Centro Cultural (no lugar do passageiro e não da direção).

Um sobressalto, quando às 10h30 se aproxima e não há ninguém, sendo que uma fila enorme se formava para uma palestra sobre literatura de Fernando Pessoa para vestibular. Adoro Pessoa... a fila é de um público muito esperto e jovem.

No cartaz do psicodrama, que fica no saguão, diz: direção de Cida Davoli. Chi! Sei o porquê, mas saiu errado. Será que as pessoas que viriam ver-me não viriam para a Cida? Será que as pessoas que vêm ver a Cida ficarão decepcionadas de ver que não é ela quem vai dirigir?

O técnico do som diz que não poderá ficar, pois outro evento é mais importante hoje e o exige. Mas regula tudo para que eu mesma possa acionar e fazer sua função. Regula os microfones para a altura (baixa) que peço. A funcionária do CCSP sorri e indica a água geladinha que colocou para nós. Olho meu marido transformado em um personagem de calças pretas, sapato preto, camisa preta muito justa, suspensórios amarelos e roxos. Ele está lindo!!!!!! Observação completamente “imparcial”. Rsr rsrs.

Autorizo que as portas se abram e minha tensão, como que por encanto, some. Dá lugar a uma absoluta calma, que me toma até o final do trabalho. Os meus (todos) egos-auxiliares tinham chegado: o público estava lá. A responsabilidade não era, de repente, só minha.

Penso que o trabalho transcorreu de maneira redonda e ímpar. Ao final colhi alguns elogios, dentre eles o da própria Cida que participou ativamente. Colhi ainda a minha aprovação pessoal, pois acho que dei voz a este grupo, fui desafiada, sorri e me emocionei com os participantes espontâneos e principalmente eles mesmos me representaram em sua criatividade.

¹ O projeto dos psicodramas públicos do Centro Cultural São Paulo visa criar um espaço público que possa acolher diferentes subjetividades, onde seja possível a troca de idéias, valores e experiências de vida através da construção coletiva de histórias dramatizadas. Um encontro com a finalidade de experimentar ser ator e autor de suas próprias histórias com sentidos individuais e coletivos, ao mesmo tempo.

² Casado com a autora

Passo a descrever a intervenção mais longamente, para colegas, alunos, curiosos e gaiotas de forma geral:

A Intervenção:

1. Aquecimento

Apresentação do projeto

Conto dos nossos 5 anos, convido para a semana seguinte e explico como funciona.

Aquecimento grupal

Desatando os nós - peço para que eles contem o que fazem lá e o que querem, através de um jogo de minha autoria (ainda não publicado), no qual eles completam a frase: Nós fazemos... nós viemos aqui para... etc.

Neste momento o grupo contou coisas bem interessantes, como:

Nós viemos chorar; nós viemos para tirar os cadáveres das tumbas; nós queremos saber o que será feito com a fotografia; nós queremos saber quem é o fotógrafo; nós já sabemos quem é o fotógrafo (assim que ele se levanta e se identifica); nós queremos abrir espaço para a criança que existe em nós; nós viemos porque somos curiosos. Enfim...

Obra de arte disparadora

Ofereço ao público um momento introspectivo, onde um esquete de mímica é apresentado. Esta obra é uma criação já antiga de Eduardo Coutinho, que ao som de Egberto Gismonti em “A fala da paixão”, ele vai lentamente levantando do chão como um pássaro até voar. Após pousar, ele se transforma em um atirador (que será chamado pelo grupo presente de caçador) que inicia um claro movimento de atirar no pássaro, mas algo o reprime, porém sua agressividade continua na atitude.

Aquecimento dramático

Peço ao público que suba ao palco e caminhe procurando dar conta do que sente naquele momento e do impacto da arte em cada um, de maneira individual. Quando souberem o que sentem, devem parar. Quando todos param peço para ouvir quais são os sentimentos. As pessoas falam alto, coisas como: dor, violência etc. Peço então que se dividam em quatro grupos:

1. Presente – o que senti exatamente no instante em que a obra teatral estava acontecendo.
2. Passado – ao que esta obra me remeteu em meu passado
3. Futuro – a partir do que vi e senti, o que posso desejar e sonhar.
4. Ressonância – um grupo que conversa entre si para se conhecer e que é instruído (em off) por mim a assistir à cena e comentar de maneira construtiva o que assistiu. Tentar se colocar no lugar da ressonância e não de um julgador. Este grupo tem um participante (assíduo) que vou chamar de L. Diz ele que vai mesmo falar o que pensa (quase em tom de ameaça a mim) e se não gostar vai falar mesmo! Instruo que podem procurar maneiras legais de serem entendidos e levem em conta que os grupos estão naquele momento reunidos tentando dar o melhor deles. Portanto, podem dizer com profundidade o que acharam, pois não queremos adulações, mas de maneira que não desqualifique o trabalho conjunto dos grupos. Deixo o grupo combinando jeitos e depois eles se sentam bem em frente à apresentação para assistir do melhor lugar e comentar.

2. Ação Dramática

Presente, passado e futuro se alternam no palco apresentando com surpreendente competência e profundidade em suas cenas (penso que os frequentadores assíduos ajudam muito aos estreantes

no psicodrama público). Impressiona muito a qualidade cênica, em termos de resultados. Algumas coisas são de “tirar o fôlego”. Não me recordo de tudo, mas registro alguns momentos do meu ponto de vista (pois o grupo de ressonância mostrou flagrantemente que cada um via uma coisa diferente e isto enriqueceu e não disputou como é próprio da arte):

- Pássaros alternando a liderança: um bando de pássaros em formato de uma letra V “voam” pelo palco, alternando a liderança várias vezes.
- Presente - Vários pássaros em um movimento parecido com o realizado pelo ator até subir e voar e quando chegam a ficar em pé vão para cima do que seria o atirador. A violência gerando violência.
- Um homem estendido ao chão e o grupo fazendo muito esforço para incluir todas as pessoas. Alguém de fora bate palmas e o grupo fica bem porque foi aprovado externamente, mas o excluído, ao chão permanece.

O grupo de ressonância comenta a cada cena e vai aumentando de tamanho. Partes de outros grupos querem entrar e comentar. Pessoas que estavam na platéia e não pertenciam a nenhum subgrupo aderem, sentando ao chão bem na frente. O grupo de ressonância passa a fazer comentários requintadíssimos, pontuando detalhes da obra criada pelos grupos. Por exemplo, o grupo da alternância de liderança tem uma única fêmea e ela (segundo alguém do grupo de ressonância) foi quem fez os machos alçarem vôo, “como sempre precisam os machos de fêmeas para entrar em movimento” (SIC), e depois ela foi colocada atrás do bando, “desprezada como descartável, como sempre acontece entre machos” (SIC).

Conto a eles que meu projeto seria que eles alternassem os grupos. Eles indicam que este é o movimento correto. Todos trocam: presente vira passado, passado vira futuro, futuro vira grupo de ressonância e grupo de ressonância vira presente.

Alguns trocaram de grupos, como eu autorizei abertamente que poderiam fazer (nada como autorizar algo que aconteceria mesmo que não fosse autorizado!).

Mais uma bateria de cenas magníficas:

- O grupo do presente anterior faz a cena do passado que antecedia aquele presente retratado, na qual a violência gerou violência. A cena surpreendeu pela clareza com que vemos surgir o histórico de como aquele caçador da cena anterior é ali retratado como alguém que, quando criança, teria sido muito surrado (preciso pedir durante a cena para lembrarem que aquilo era para ser representado e não bater de verdade no ator espancado, mas o rapaz depois reclamou dos colegas de grupo que exageraram um pouco). Esta é a primeira referência à mistura do teatro, psicodrama e vida real.
- O grupo que anteriormente tentou incluir todos e deixou um de fora, nesta cena consegue que aquele que ficou de fora fosse levantado do chão e incorporado ao grupo. O grupo de ressonância disse que entre outras coisas, para ser ajudado tem que querer ser ajudado. O fato é que o rapaz que se levantou do chão saiu pulando de alegria, comemorando a participação, pois é um freqüentador do projeto que tem muita dificuldade com o coletivo. Foi bem forte a cena quanto à emoção.
- O grupo da ressonância, que se tornou o presente, mostra alguém que reprime um por um dos membros e os atira ao chão. Um deles não concorda em cair. Depois pergunto se esta não concordância teria sido combinada ou ele resolveu não seguir os outros naquele momento. Este participante era o L. Ele responde novamente para mim que faz o que quer, como aprendeu com sua professora Cida Davoli, ali presente. O grupo dele pareceu concordar que ele pudesse ter mudado de idéia durante a cena combinada sem muitos problemas, mas a sensação é que eles não conseguiram comunicar o que

queriam, pois precisaram de várias explicações verbais, que os outros grupos não mostraram tanta necessidade.

- O grupo da ressonância foi acompanhando o trabalho e fazendo comentários muito enriquecedores para os atores espontâneos, encantando ao fazer a ressonância. Ou seja, a metáfora ganhou força e a explicação ou avaliação cada vez menos importante. Um rapaz compartilhou uma cena sua fortíssima, na qual ficou em estado de coma induzida por 20 dias, pois sofreu uma enorme violência de um grupo, do qual não sabe quem são seus componentes. Disse que não queria se vingar. Pergunto o que quer então fazer com isto. Ele diz que nada. Alguém lembra que ele já está fazendo, pois está trazendo e comunicando publicamente o que lhe aconteceu. Ele concorda!

Não era possível, devido ao tempo, fazermos mais uma rodada de cenas e também o compartilhamento. Proponho que sentemos em roda no palco e compartilhemos. É sempre muito lindo ver um grupo sentado em torno daquele palco semi-arena.

3. Compartilhamento (dispara-se nova ação dramática)

Várias pessoas pediram a palavra. Eu disse que antes de passar para todos falarem, queria saber o que sentiu o ator ao assistir os desdobramentos psicodramáticos de sua cena inicial. Ele foi pego desprevenido e estava com o microfone na mão para passar para os outros e me ajudar (flagrante entre papel de ator profissional e ego-auxiliar de sociodrama e marido da diretora). Portanto deu seu depoimento em pé, enquanto todos estavam sentados. Disse que adorou que sua arte - suado trabalho - tivesse propiciado estas leituras e diálogos ocorridos ali.

Neste instante L. toma a palavra de maneira agressiva e diz que ele (o ator profissional) não é melhor do que ninguém, visivelmente alterado e tremendo.

O ator profissional tenta falar sobre inclusão e diferenças e é interrompido por L. insistindo que ele não é melhor do que ninguém, referindo-se a ele estar em pé, quando todos estão sentados no chão. O ator profissional tenta falar com calma, mas acaba por se alterar dizendo que ele também não é melhor do que ninguém, pois não deixa que as outras pessoas se manifestem no que acham.

Proponho então que o grupo me ajude neste clima de desconforto e violência a recriar a cena real que eles tinham feito, de maneira dramática, para ver se conseguiríamos encaminhar a cena de outra maneira, que nos conduzisse para o movimento, já que o grupo encontrava-se paralisado naquele momento.

Peço a alguém para representar o ator. Vem uma moça, que vou chamar de M. Peço alguém para representar o ... e não sei bem como chamá-lo e o grupo diz: o crítico. Sim, peço o crítico. Vem um senhor, que vou chamar de D. (um dos assíduos freqüentadores do projeto). Peço que alguém represente o grupo (a idéia é que o grupo não fique de nenhuma forma passivo diante de uma situação protagônica que tínhamos construído até ali). Vem um rapaz, que pareceu ser alguém que nunca tinha participado do projeto. Vou chamá-lo de G. Pergunto se falta algo na cena. Lá da platéia, bem lá longe, uma moça diz que falta a diretora – eu. Peço que ela mesma venha fazer-me e ela se aproxima, vou chamá-la de R..

No contexto do faz-de-conta, a cena começa com o ator (M.) fazendo movimentos que lembram a mímica inicial do esquete do pássaro e dizendo como está feliz de mostrar isto a todos. O crítico (D.) desce implacável sua censura sobre o ator, dizendo que ele não era superior a ninguém. D. é um freqüentador deste projeto. Ele estava, em minha opinião, espetacular, como eu nunca o tinha visto. Encarnou totalmente o personagem e dialogou com o ator M., de forma áspera, diferente do que faz normalmente, pois foi sempre muito delicado.

Congelo a cena e instruo o público para quem desejar entrar em cena, poder fazê-lo. É necessário apenas me avisar em qual personagem, para que eu anuncie em voz alta. Ninguém

será barrado. Será anunciado de maneira a não confundir quem já estiver em cena. Peço um solilóquio ao rapaz que representava o grupo e mais duas pessoas vem também representar o grupo e ajudar. A atriz/diretora pede para falar. Descongelou a cena e ela faz um “*mea culpa*” dizendo que foi ela quem perguntou ao ator. Começa então uma discussão sobre cores, pois o ator profissional na cena real tinha mencionado que há alguns anos tinha realizado um trabalho ali e que as pessoas, representadas por cores, queriam transformar amarelo em verde para que todos ficassem iguais e não aceitavam as diferenças.

Os representantes do grupo então se disseram de várias cores.

O debate dramático torna-se muito profundo, pois se discute, entre outras coisas:

- se alguém pode ser melhor que alguém.
- se para fazer arte é necessário estudar.
- se psicodrama é arte ou outra coisa.
- de que maneira se pode usar o poder.
- se para sermos iguais podemos pensar de maneira diferente.
- se valemos a mesma coisa quando ocupamos o lugar do especialista em arte.

Bem, eu estava completamente encantada com esta possibilidade proporcionada pelo psicodrama de irmos para além do problema de L., em sua dor por ter sido tratado no passado como menor do que alguém; para além do ferimento do ator de não ser reconhecido em seu árduo trabalho, ao habitar num país com uma cultura tão precária; para além da frustração da diretora e de muitos participantes que se preparavam para só compartilhar coisas bem bonitas que falaríamos sobre a não violência; e, principalmente para além das fronteiras do individual. Estávamos ousando tocar nosso co-inconsciente em sua força e fragilidade. Estávamos tentando transcender o meramente comunicável. Desmapeando nossas subjetividades (Rolnik). E eu ali... testemunha viva daquele momento e, embora com poder em minha função, tinha tanto poder quanto qualquer um que estivesse ali.

Daí, naquele super clima de espontaneidade geral, D. pede para falar com L. Digo que só poderá falar dentro da dramatização e meu ego-auxiliar toma o lugar do crítico e D. em seu lugar de participante do grupo fala com o crítico na ação dramática. Cita Oscar Wilde e sai poeticamente do conflito, por um caminho novo e representativo do grupo. A frase que provoca a catarse grupal é: toda crítica é também uma forma de auto-crítica.

Todos ficam aliviados e D. volta para o papel e fala com o ator de outra maneira. Um *insight* grupal é uma sensação das mais emocionantes. Tão emocionante que não me lembro mais o que foi dito em palavras. O compartilhamento aconteceu novamente através de música cantada espontaneamente pelo grupo e falas...fortíssimas falas...

Olhei para cima e um monte de jovens, muito provavelmente da palestra sobre Fernando Pessoa, estavam ali em pé tentando entender o que se passava. Quando uma música muito antiga sobre andorinhas foi cantada, eles partiram... Era difícil um coletivo novo juntar-se ao grau de envolvimento que tínhamos ao final deste trabalho.

Contei sobre a minha emoção e a minha honra de estar com este grupo tão especial. Cida Davoli agradeceu a L. ter disparado a discordância para encontrarmos um novo caminho. Coloquei Egberto Gismonti e fomos embora depois de nos abraçarmos muito, entre nossas próprias escolhas sociométricas.

Depoimentos espontâneos:

Recebi pelo e-group do Grupo Improvise, dois depoimentos no mesmo dia e dia seguinte. Com autorização dos autores os transcrevo:

Gisele Jorgetti

Olá grupo,

Acho que todos receberam o torpedo da Rô com o convite para vê-los no CCSP hoje. Encontrei apenas o Fernando lá e quero dizer aos que não puderam comparecer que perderam uma manhã maravilhosa.

A estrutura que a Rô bolou foi ótima e as pessoas, inspiradíssimas, criaram imagens belíssimas a partir do que ressoou da cena de mímica feita pelo Edu.

Saí de lá tão impactada que tomei o metrô em sentido contrário e só fui perceber na estação São Bento.

Eu já tinha visto a cena do Edu em vídeo, mas, teatro é teatro. O personagem homem/caçador-pássaro (como eu vi) me atropelou. Só consegui entender meu sentimento ao caminhar do metrô pra casa. Caçadores, o tiro sempre sai também pela culatra. "Eu, caçador de mim".

Beijos,

Gi

Resposta de Fernando De Vincenzo

Rsr rsrs ... que coisa maluca, fiquei cantando caçador de mim a tarde inteira!!! Esse negócio de "co-tudo" nessa vida que Moreno fala realmente é maravilhoso.

O que é de mais maravilhoso é quando a direção consegue atingir e trabalhar de forma competente e sutil como a direção da Rô! Tô maravilhado, tem espaço pra tudo sorrir, chorar, concordar, discordar, ficar puto, ser humano, construir, destruir e transformar! Obrigado Rô por mais essa aula.

Edu vc é um exemplo vivo de que um gesto vale mais do que mil palavras!!! rsrs emocionante o que fez e prova tb que a arte é o meio de comunicação de toda a esperança que nos resta como humanidade. Por mais individualistas e talvez doentes que nós seres humanos estejamos somente a arte será capaz de comunicar amorosamente esses duros corações !!

Avantes, pois o mundo precisa de muito isso tudo e podem contar sempre com esse humilde e barulhento parceiro ! rsrs

Bjos no coração

Fernando De Vincenzo

Meu depoimento:

Queridos Fe e Gi,

Obrigada pelas palavras.

Vou registrar o Fe como meu ego-auxiliar profissional e espontâneo no meu relato.

É...

Acho que foi um trabalho redondo.

Um grupo lindo e uma vida pulsante.

Ao som de Egberto Gismonti e no vôo de Eduardo Coutinho o grupo pode voar bem alto e transcender a violência.

Agradecida

Ro

Depoimento de Eduardo Coutinho

Depois das palavras da Rô, só me restou agradecê-la em público de ter me convidado para fazer, depois de quase 20 anos depois de sua estréia, este quadro do pássaro, que me é muito caro!!

Bjs

Edu

*Gaivota menina
De asas paradas
Voando no sonho
De águas da lagoa
Gaivota querida
Voa numa boa
Que o vento segura
Voa numa boa*

*Gaivota na ilha
Sem noção da milha
Ficou longe a terra
Gaivota menina
Gaivota querida
Voa numa boa
Que o alento segura
Voa numa boa*

*Gaivota, te amo e gaivotaria sempre em ti
Gaivotar seria poder te eleger para mim
Eu te quero, e se fosse o caso, quereria mais ainda
Ser, eu mesmo, gaivota sobre mim
Sobrevoar meus temores, meus amores
E alcançar o alto, alto, o mais alto dos teus sonhos
Dos teus sonhos de subir*

*De subir aos ares
Gaivota querida
Gaivota menina
Pousa perto de mim*

PS O aniversário do projeto na semana seguinte foi lindo. L. ficou bem quieto, como não é seu costume e disse a uma das colegas de equipe que tinha conseguido brigar com alguém na semana anterior e que isto lhe tinha feito muito bem.
